

PRODUÇÃO DE VÍDEO ESCOLAR: O FENÔMENO SÃO LEO EM CINE

ANA PAULA OGLIARI¹; ISADORA BORGES²; IASMINE DORNELLES³; JOSIAS PEREIRA⁴.

¹UFPEL – anaogliaric@gmail.com

²UFPEL – isadoraborgesc@gmail.com

³UFPEL – minedornelles@gmail.com

⁴UFPEL – erdfilmes@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata sobre a implementação do ensino e do incentivo a produções audiovisuais em escolas da rede pública, no caso analisaremos o Festival de vídeo Estudantil São Leo em Cine da cidade de São Leopoldo. Ao obter as estratégias utilizadas por participantes do projeto de extensão Produção de Vídeo Estudantil da Universidade Federal de Pelotas coordenado pelo professor Dr. Josias Pereira, pôde-se identificar méritos e falhas do processo.

Motivado pelos escritos de Garden (1994) e seus estudos sobre múltiplas inteligências o projeto já citado, objetiva proporcionar a estudantes das mais diversas faixas etárias, formas alternativas de aprendizado que diferem da programática e tradicional giz e lousa. O proposto aos participantes é um festival de vídeos estudantil e como cerne, a produção de curta metragens pelos alunos. Para tal, os estudantes necessitam inteirasse de objetos técnicos e lúdicos, na criação das histórias a gravação e edição do material.

Dentre as ações do festival uma delas é a capacitação dos professores por intermédio das Secretarias de Educação de cada município e em vista disso o aspecto explorado mais fortemente, é a instrumentalização desses profissionais, porém como dito por Prensky (2001), estes professores podem ser considerados imigrante digitais o que torna a tarefa mais árdua. Também trata-se da didática a ser adotada pelos mesmos. Por fim entendeu-se que essa metodologia se configura como mais duradoura, pois ao capacitar o educador o mesmo irá instruir e realizar vídeo com os educandos por tempo indeterminado.

O caso observado é o da cidade de São Leopoldo, cuja participação iniciou no ano de 2015 e apesar de enfrentar uma greve geral que os deixou apenas dois meses de tempo hábil para todas as ações necessárias para a realização do projeto, contou com a participação de 14 escolas e 31 curtas-metragens. A exibição foi realizada em uma sala de cinema comercial da cidade com a presença de aproximadamente 1.000 alunos como espectadores para a sessão. No corrente ano as inscrições foram encerradas contendo 89 curtas-metragens de 29 escolas.

2. METODOLOGIA

Nossa pesquisa é qualitativa e apresenta uma abordagem de estudo de caso. Será analisada a criação do festival São Leo em Cine que se deu pela proposição do Dr. Josias Pereira à Secretaria Municipal de Educação (SMED) da cidade de São Leopoldo, tudo por intermédio de Eliane Candido, que anteriormente mantinha um trabalho sobre cinema estudantil na rede municipal leopoldense e logo foi integrada a Secretaria com o intuito de colocar o projeto em prática.

Com apoio para a realização o festival, ele então foi proposto nas escolas da cidade, Eliane, em entrevista, conta que o projeto foi muito bem recebido após sua apresentação, todavia a greve que interveio e durou 65 dias desmotivou fortemente os integrantes, cuja preocupação se deslocara para a recuperação dos dias letivos. Afora tal episódio, todas as entidades que participaram o fizeram com muita dedicação e esforço.

Dois meses foi o tempo efetivo para toda a organização do festival como também para suporte em todas as frentes às escolas na prática dos vídeos. O que aconteceu por meio de oficinas e monitorias realizadas por professores e profissionais da área, de forma que todas as etapas da elaboração de um vídeo fossem contempladas.

Os requisitos técnicos solicitados pelo festival visam atender a todo e qualquer participante, com, inclusive incentivo ao uso de câmeras de celulares. Fato que pretende, principalmente, democratizar a realização, mas também aproximar o aluno da produção pela familiaridade e pelo fato de o dispositivo estar tão atrelado ao dia a dia do jovem. Somado a isso, não foram delimitados temas para os vídeos. Ambas disposições visam evidenciar as histórias e com isso o seus interesses e discursos, não como produto final, mas sim como processo. [...] o vídeo é apenas uma ferramenta que contribui, respeitando as diferenças culturais e sociais dos alunos, permitindo que eles sejam agentes do seu saber e que, assim, o vídeo possa contribuir para que eles possam mostrar o que pensam sobre a vida (PEREIRA, 2014). A produção de vídeo estudantil contribui para que as múltiplas inteligências que nem sempre são destacadas pela escola nas aulas tradicionais ganham espaço na produção de vídeo estudantil onde vários tipos de inteligências são aproveitados.

Outra possibilidade despertada por estas produções é a aproximação do professor. Conforme PEREIRA, 2014 a produção de vídeo pode ajudar o docente a conhecer um pouco mais o espaço cultural do seu aluno, a forma como ele interioriza a realidade a sua volta [...] quem se destaca com a área espacial, a lógica, a linguística, etc.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O festival se encontra em constante aperfeiçoamento no que tange a sua estrutura e objetivos, certo é que seus resultados são majoritariamente benéficos à comunidade acadêmica. Vantagens são elas diversas, desde o favorecimento de uma construção lógica interdisciplinar e maleável, no momento em que a produção requer conhecimentos, não apenas teóricos, mas também práticos das mais diversas zonas do conhecimento; se torna também um espaço que protagoniza a discussão de temas relevantes e variados.

Pode-se identificar inúmeros outros proveitos, dentre eles o desenvolvimento de um pensamento crítico, que de individual se expande para o do conteúdo consumido. Também relevante por fomentar o trabalho em grupo, e o respeito a construção conjunta, repleta de concepções distintas que se mostram fecundas.

A intenção do projeto é povoar o maior número possível de entidades, disseminar a iniciativa e torná-la sólida, duradora e gradativamente autossuficiente. O visto no caso de São Leopoldo é animador, a cidade dobrou, em um ano, o número de escolas participantes e desde sua origem a participação dos alunos na produção e também como expectadores foi extremamente entusiasmada e comprometida. Uma perfeita ilustração da eficácia do programa, dispondo apenas de uma boa iniciativa, empenho e dedicação.

4. CONCLUSÕES

Os alunos a partir da orientação dos professores passam a possuir um acesso a esta nova tecnologia que atualmente nos cerca. Com isto, a escola passa a ter outros meios de aprendizado. Porém, o que isso pode vir a mudar em um ambiente escolar? Absolutamente tudo. As aulas se tornam mais envolventes para os alunos. Passam, entusiasmados, a aprenderem, a comunicação se torna mais efetiva, e ainda motiva o trabalho em grupo e a participação dos alunos por realizarem algo novo. E principalmente, a possibilidade de os alunos criarem seus próprios projetos, tendo a chance de se expressar e demonstrar suas ideias. Sem contar que os alunos podem vir a desenvolver empatia por certas áreas, como a comunicação e das artes. Os alunos passam a perceber que tem voz ativa dentro do espaço escolar.

Outro ponto é que se a escola forma para a vida, ela deve incluir a tecnologia no seu dia a dia, não apenas como adorno em um canto isolado da realidade, mas como um elemento pedagógico que faça parte do plano de aula, como uma ferramenta para informar dentro de um conteúdo prévio e que, também, faz parte hoje de uma socialização primária (PEREIRA, 2014).

É certo também que gera o aprendizado, mesmo que básico, sobre o funcionamento da mídia enquanto instituição hoje implantada na sociedade. Por fim, serve para originar o que Roger Silverstone chamou de Criação do Quinto Poder, cidadãos capacitados a compreender o poder da mídia e a partir dessa consciência tornarem-se seletivos e críticos ao que está posto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PEREIRA, J. **Produção de Vídeo nas Escolas Uma visão Brasil - Itália - Espanha - Equador**. Pelotas - Rio Grande do Sul, 2014.

PRENSKY, M. **Nativos Digitais, Imigrantes Digitais**. NCB University Press, Vol. 9 No. 5. 2001.

GARDNER, H. **Estruturas da mente: a Teoria das Múltiplas Inteligências**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.